

ANTES DO *MAYFLOWER*⁶⁷

Chamava-se *Mayflower*, o navio que, em dezembro de 1620, aportou em Plymouth, com um grupo de cento e dois peregrinos puritanos vindos da Inglaterra. Esse conjunto separatista firmou, ainda a bordo, o pacto⁶⁸ segundo o qual na colônia a que se destinavam haveria o governo da maioria.

Sobre o *Mayflower*, W. E. B. Du Bois, antes referido, pregava a seus irmãos afro-americanos, indagando aos brancos:

“Teu país? Por que é teu? Antes dos peregrinos aportarem, nós já estávamos aqui. Para aqui, trouxemos nossos três dons e os misturamos com os teus: um dom de contar e cantar – suave, agitada melodia numa terra sem harmonia nem melodia; o dom de suar e forcejar, dobrando a selva, conquistando o solo, e lançando as bases deste vasto império econômico duzentos anos antes que tuas fracas mãos pudessem isto fazer; o terceiro: um dom do Espírito”.

A saga dos pioneiros americanos começa assim descrita, após a epígrafe acima, na obra que vai servir de base à parte que se segue, *“Before the May Flower*⁶⁹”, desta forma:

Ele conseguiu escapar, como ninguém acreditava, de uma violenta tempestade, com uma narrativa que ninguém acreditava, um nome que ninguém recordava, um passado jamais investigado. Ele era tripulado por piratas e ladrões. Seu capitão era um homem misterioso, chamado Jope, seu piloto um inglês chamado Marmaduke, sua carga um sortimento de africanos com nomes espanhóis sonoros, como Antoney, Isabel e Pedro.

⁶⁷ www.amazon.com/exec/obidos/tg/detail/-/0140178228/qid=1079317028/sr=1-1/ref=sr_1_1/103-2421008-7628635?v=glance&s=books

⁶⁸ - *Mayflower Compact*.

⁶⁹ - *Before the Mayflower*, de Lerone Bennett, Jr., sexta edição, publicada em 1987 (1ª edição 1961), por Penguin Books, N.Y. New York.

Um ano antes do celebrado chegamento do *Mayflower*, cento e treze anos antes do nascimento de George Washington⁷⁰, duzentos e quarenta e quatro anos antes da assinatura da emancipação dos escravos norte-americanos – esse navio adentrou a enseada de Jamestown, no estado da Virgínia, lançando sua âncora das águas barrentas da História. Estava claro para as pessoas que acolheram aquele ‘*Dutch man-of-war*’, que não se tratava de um navio comum. O que mais chama a atenção, hoje em dia, é o fato de ninguém haver sido capaz de perceber o quão extraordinário ele era realmente. É que poucos navios, antes o desde então, descarregaram uma carga mais significativa. De onde vinha esse navio? De algum ponto em alto-mar onde saqueara de incerto navio espanhol a carga de escravos destinada às Índias Ocidentais? Por que ele parou em Jamestown, o primeiro assentamento permanente inglês na América? Ninguém sabe ao certo. Parece que o capitão simulou, disse John Rolfe⁷¹, estar com escassas provisões de alimentos e, assim, ofereceu trocar sua carga humana por gêneros. O acordo firmou-se. Assim que Antoney, Isabel e Pedro, bem como outros dezessete africanos, desembarcaram em agosto de 1619.

A história da América Negra então se iniciava. Principiou com Antoney, num belo conto de amor, posto que esse se enamorou de Isabel e com ela casou-se. Em 1623 ou 1624 nascia a primeira criança negra na América inglesa. Um menino, chamado William, foi batizado na Igreja da Inglaterra. Houve outros navios, outros Williams, Antônio e Isabéis – milhões e milhões. Esta é a história desses milhões e a forma como eles vieram para a América. Esta é uma cronologia a respeito de venda e comercialização de seres humanos. Esta é a história da maior migração já registrada pela História.

Na terça-feira, 12 de abril de 1787: “um mês antes da primeira reunião da Convenção Constitucional dos Estados Unidos, e dois anos antes da eleição de George Washington – oito homens sentaram-se numa sala na Filadélfia e firmaram uma convenção social. O Pacto, denominado Sociedade Africana Livre, era o passo profético que assinalou um marco crítico na histórica caminhada da América negra. ‘Que grande passo foi esse’ –

⁷⁰ - George Washington (1732-1799) - Líder militar americano e primeiro presidente dos EUA, entre 1789 e 1797.

⁷¹ - John Rolfe (1585-1622) Colono inglês na América e marido da princesa Pocahontas, da tribo que recebeu os primeiros colonialistas ingleses.

escreveria mais tarde Du Bois – ‘que nós hoje em dia raramente avaliamos. Precisamos nos lembrar que esse foi o primeiro passo hesitante de um povo a caminho da organização de sua vida em sociedade’

Os fundadores dessa organização seminal eram apenas uma vaga na maré que foi a formação de sociedades que se espalhou sobre todo o Norte nas décadas dos anos 1780 e 1790. Na crista dessa onda, entidades semelhantes foram formadas em Boston, Nova York, Newport e Rhode Island. As vagas seguintes dessa maré foram a criação de um movimento religioso independente; um movimento maçom autônomo, bem como a fundação de colégios e faculdades negras, além de organizações culturais, todas livres.

As energias organizacionais desse esforço fluíram em ondas concomitantes, impulsionadas por duas potentes correntes: uma negativa e a outra positiva. A corrente positiva era um novo sentido de identidade e a consciência da unidade que faz do indivíduo parte de um povo, que fazia por rejeitar a exclusão e subordinação dos negros. A corrente negativa, fluindo junto e por fora da dos fundadores brancos, era um movimento visando excluir os negros americanos do pacto social nacional.

Ofendidos por essa campanha e instigados por uma nova imagem de ser negro, os pais fundadores da América Negra organizam um movimento de autocriação e autodefinição que se estendeu por mais de quarenta anos.

Os fundadores da política dos negros, que era algo novo, nunca antes visto no mundo, cresceu e passou a refletir a ambigüidade dos brancos fundadores. Mais do que isto, era o resultado direto dos erros cometidos pelos pais fundadores brancos.

Foi na luta em torno da Revolução que os fundadores da América Negra definiram-se e se reposicionaram. Foi o erro dessa Revolução – a constatação de que os líderes revolucionários não acreditavam naquilo que eles mesmos diziam – *que forçou a América Negra à autocriação*”.